XIV SEMINÁRIO DE ECONOMIA MINEIRA

História econômica e demografia histórica

Sul de Minas em transição: ferrovias, bancos e indústrias na constituição do capitalismo na passagem do século XIX para o século XX

Alexandre Macchione Saes[1]
Daniel do Val Cosentino[2]
Marcel Pereira da Silva[3]
Thiago Fontelas Rosado Gambi[4]

Resumo: A região do Sul de Minas desempenhou historicamente importante papel tanto na composição do "mosaico mineiro" assim como no constante papel de comunicação entre Minas Gerais e as antigas províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. O presente artigo pretende explorar os elementos constitutivos da história dessa região economicamente relevante para Minas Gerais na transição para o século XX. Considerando-a não apenas uma região suscetível às influências externas, mas também como uma área cujas características próprias engendraram uma conformação sócio-econômica e cultural peculiar, o artigo busca desvendar os caminhos percorridos pelo Sul de Minas na constituição de seu capitalismo.

Palavras-chave: Sul de Minas, capitalismo, ferrovias, bancos e indústrias.

---

[1] Professor da Universidade Federal de Alfenas – Campus Varginha. Coordenador do Grupo de Pesquisa em História Econômica do Sul de Minas da UNIFAL-MG.

[2] Professor da Universidade Federal de Alfenas – Campus Varginha. Doutorando em História Econômica pela USP e pesquisador do Grupo de Pesquisa em História Econômica do Sul de Minas da UNIFAL-MG.

[3] TAE da Universidade Federal de Alfenas – Campus Varginha. Mestrando em História Econômica pela USP e pesquisador do Grupo de Pesquisa em História Econômica do Sul de Minas da UNIFAL-MG.

[4] Professor da Universidade Federal de Alfenas – Campus Varginha. Doutorando em História Econômica pela USP e pesquisador do Grupo de Pesquisa em História Econômica do Sul de Minas da UNIFAL-MG.

Sul de Minas em transição: ferrovias, bancos e indústrias na constituição do capitalismo na passagem do século XIX para o século XX

A compreensão do século XIX é essencial para aqueles que pretendem analisar a constituição do capitalismo e lançar um olhar crítico sobre o presente. Da consolidação do sistema capitalista na Europa ao desenvolvimento econômico norte-americano e aos processos de independências na América Latina, a sociedade se modificou ancorada em novas relações sociais e com a transformação dos seus padrões de consumo.

O processo de constituição do capitalismo é marcado pela imposição de uma ordem. São relações sociais, econômicas, políticas e culturais, que articuladas garantem a reprodução do capital e a hierarquia social (PAULA, 2002a). Mercados se articulam através de novas e dinâmicas vias de comunicação e articulação, o capital já não encontra mais freios para sua expansão, crescem os bancos, cresce o crédito, nascem as indústrias, a produção artesanal sucumbe a produção em larga escala, a "liberdade" garante que todos são livres, mas uns compram força de trabalho, enquanto outros as vendem em busca de sobrevivência, em nome da "liberdade" que escorre no suor e se desfaz no ar poluído do chão da fábrica.

Especificamente no Brasil, há de se destacar o processo de independência e consolidação do Estado, bem como a transição do trabalho escravo ao trabalho livre e o desenvolvimento do mercado interno, pontos fundamentais para se explicar a constituição de um capitalismo dependente e periférico. A constituição do mercado interno no país não foi linear. A consolidação de relações, de um mercado capitalista, onde trabalho, terra e capital são mercadorias e a acumulação se expande cada vez mais, foi marcada pela diversidade, pela diferença. Em várias regiões, relações pré-capitalistas, diferentes ritmos, variadas formas. Assim, "o capitalismo que aqui se desenvolveu foi assumindo estruturalmente características de atrofia, vulnerabilidade, incompletude e dependência externa, tornando-se um certo tipo de desenvolvimento capitalista." (PAULA, 2002a:13)

Este processo de transformação e modernização da economia brasileira se insere em um contexto de passagem do século XIX ao século XX, marcado pelas soluções encontradas para o mercado de trabalho, o crescimento das cidades, o processo de industrialização, bem com a estruturação do Estado e dos serviços públicos.

Portanto, é nesse período de transição que se vai consolidar o capitalismo no país, com toda sua especificidade e marcado por imensas desigualdades sociais e regionais. O objetivo deste trabalho é compreender tal período no contexto regional do Sul de Minas Gerais.

Entender a Economia de Minas Gerais durante o século XIX tem sido um desafio que a historiografia tem cumprido muito bem. Desde que os trabalhos de Roberto Martins (1980, 1980a, 2002) e Robert Slenes (1988) lançaram um frutífero debate acerca da economia escravista mineira oitocentista, diversos trabalhos e pesquisas se preocuparam em dar novas contribuições ao debate em outros importantes temas. A historiografia econômica conseguiu apreender bem o que Guimarães Rosa já afirmara há tempos, Minas são muitas. A diversidade regional é uma das marcas da Economia mineira, espelho do Brasil.

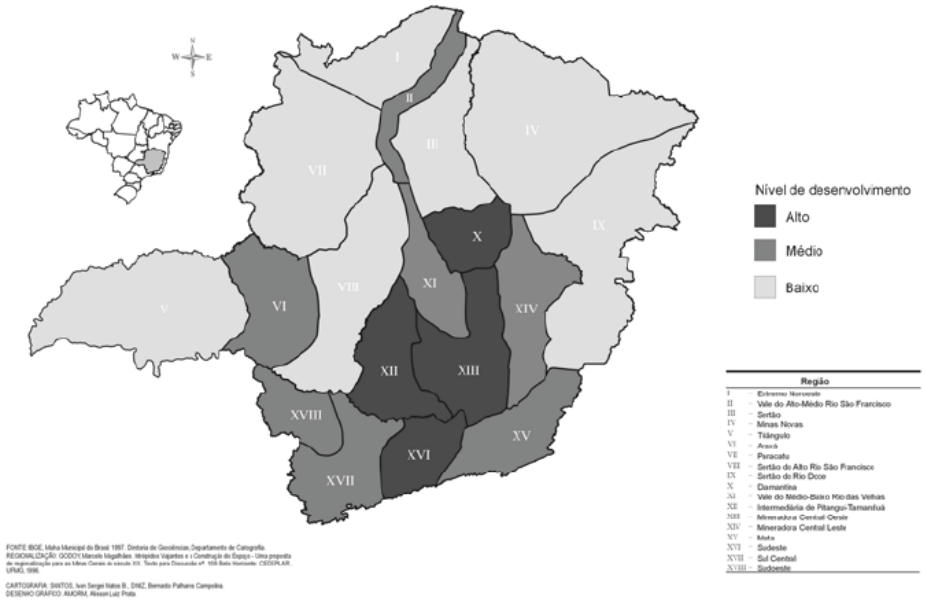
Grande parte dos trabalhos que abordam a Minas Gerais do século XIX buscou analisar dados e elementos levando em conta os aspectos regionais. Estudos como de Roberto Martins (1980a) e Douglas Libby (1988) buscaram recortes políticos tradicionais do território mineiro, recortes estes que remontam ao século XX e que, por isso, nem sempre são os mais adequados ou relevantes para abordagem histórica. O

recorte político do território mineiro também foi utilizado por John Wirth (1982) em sua análise do período entre 1889 e 1937.

Uma maior preocupação com uma regionalização que levasse em conta aspectos históricos pode ser encontrada nos trabalhos de Marcelo Godoy (1996, 2003) e Clotilde Paiva (1996, 2001). Utilizando os relatos de viajantes estrangeiros, dividiram o território mineiro oitocentista em 18 regiões levando em conta seus aspectos geográficos, econômicos e populacionais, separando as regiões por níveis de desenvolvimento que levassem em conta o grau de mercantilizarão da economia e a escravidão. A idéia central é apontar para a importância de uma regionalização construída a partir de elementos históricos geográficos. Fundamental foi perceber a diversidade e os contrastes do espaço mineiros oitocentista.

MAPA 1

Regionalização da Província de Minas Gerais



Fonte: Alexandre Mendes Cunha & Marcelo Godoy(2003)

Tal regionalização apreende bem a realidade da primeira metade do século XIX em Minas Gerais. O que hoje comumente conhecemos como o Sul de Minas está caracterizado pelas regiões Sudeste e Sul-Central, que durante a década de 1830 concentrava cerca de 17% da população.

> Contrastando com a Região da Mata, a Região Sul apresentava a vegetação de campos como cobertura dominante, sendo que as florestas predominavam, sobretudo, na sua porção meridional. A criação, principal atividade da região, era exercida nos campos. As matas, derrubadas para o cultivo, eram dominadas por agricultura voltada para o abastecimento de mercados intra e inter-regionais ou auto-consumo. Alguns gêneros respondiam por importantes fluxos comerciais, sendo exportados para fora da região. Spix/Martius, vindos de São Paulo, cruzam a Região Sul na sua porção central, passando inclusive por Campanha. Saint-Hilaire também cruza a região por duas vezes, porém, na sua porção oriental.
>
> Podemos dividir o território percorrido por Spix/Martius em duas porções. Até mais ou menos a altura de Campanha os autores relatam a grande incidência de matas, a agricultura voltada para o auto-consumo e na área de Campanha, a mineração de ouro vigorosa. Já a parte percorrida entre Campanha e São João Del Rei apresentava a criação como atividade preponderante. (Godoy & Cunha, 2003: 25-26)

Podemos considerar que a região apresentava vínculos com mercados externos à Província e a sua economia era caracterizada pela criação e agricultura de abastecimento. Godoy e Paiva consideraram as regiões Sudeste e Sul-Central com nível de desenvolvimento médio.

O Sul de Minas na historiografia econômica foi primeiramente abordado por Alcir Lenharo (1979). Neste trabalho, que foi pioneiro por abordar a importância da economia de abastecimento em Minas Gerais durante o século XIX e sua relação com o mercado da corte do Rio de Janeiro, o autor coloca a importância da região e seus vínculos políticos com a corte.

Em trabalho sobre período posterior aos estudos de Paiva & Godoy e Lenharo, John Wirth procurou analisar a importância política de Minas Gerais durante o início da República. Para tanto, Wirth também dividiu o território mineiro em regiões. No entanto, partiu de uma regionalização dada, contemporânea de uso corrente. Nela o território mineiro está dividido em 7 regiões. O recorte mais tradicional coloca a região Sul tal como a imaginamos nos dias de hoje, em grande parte fazendo divisa com o Estado de São Paulo.

MAPA 2

As zonas mineiras, segundo o uso corrente.

Fonte: Wirth (1982)

Para Wirth a região cresceu muito política e economicamente durante o século XIX. Falando do Sul e da Zona da Mata afirma que, "O sul também desenvolveu uma agricultura calcada no café; no século XVIII, sua economia estivera centrada na mineração de ouro. Durante a República Velha, estas duas zonas lideraram as outras em termos de riqueza, população e poder político." (WIRTH, 1982:43)

Para o autor muitas famílias da elite se estabeleceram na região migradas das regiões mineradoras decadentes. Sua população entre 1872 e 1940 cresceu bastante, tendo se tornado uma das mais populosas do Estado, concentrado cerca de 20% da população.

Tabela 1 - Crescimento da população de Minas por zona e ano de recenseamento, 1872-1940 (Milhares)

Zona	1872	Taxa de cescimento	1890	Taxa de cescimento	1900	Taxa de cescimento	1920	Taxa de cescimento	1940
Norte	354	1.9%	501	1.4%	575	2.1%	864	-	865
Leste			138	1.4	158	7.4	654	2.1	989
Centro	538	2.3	808	1.0	889	0.2	933	1.2	1185
Triângulo	146	1.6	193	1.1	215	2.9	380	1.3	488
Oeste	260	2.1	379	0.9	413	2.6	692	0.9	828
Sul	395	2.5	617	1.6	724	2.7	1242	-	1240
Mata	348	2.6	548	1.6	641	2.6	1075	0.3	1140

Fonte: Wirth (1982)

O trabalho de Wirth procura explicar como um Estado, que foi um dos mais importantes economicamente durante o século XIX conseguiu manter a sua participação e importância política durante a primeira República, mesmo tendo perdido importância econômica. O autor constata as imensas diferenças regionais do Estado e a grande desigualdade entre as regiões norte e sul.

Podemos fazer diversas críticas sobre os métodos utilizados pelo autor para conceber sua regionalização. Trabalhos como os de Wirth e Paiva & Godoy são essencialmente distintos nas suas preocupações metodológicas na maneira de regionalizar e analisar os dados. É preciso ressaltar que os trabalhos têm preocupações e objetivos distintos, além de tratarmos de períodos diferentes. Um está preocupado com questões econômicas e demográficas, o outro com aspectos mais políticos. No entanto, ambas reforçam a conclusão de um espaço diversificado seja no "território de contrastes" de Paiva e Godoy, seja no "mosaico mineiro" de Wirth.

A discussão metodológica de como regionalizar é fundamental à história econômica. Existem sempre dificuldades e problemas envolvidos. Contudo é preciso sempre avaliar os objetivos de análise e se atentar para o espaço como elemento dinâmico (CUNHA *et alli*, 2008).

Portanto, quando falamos de Sul de Minas procuramos nos referir à região referida por Wirth. Nosso objetivo aqui é perceber as transformações na região no período de transição do século XIX para o século XX. Transição essa, fundamental para entender os caminhos da formação do capitalismo em Minas Gerais.

Muitos trabalhos tem se preocupado com o século XIX em Minas Gerais. Poucos são os estudos que tentaram entender o período de transição entre os séculos e os elementos da formação do capitalismo na região.[5] Estas questões foram abordadas em diversos trabalhos para outras regiões do país. São variadas as análises sobre o crescimento das cidades e da urbanização, a formação do mercado de trabalho, dos

[5] Aqui podemos destacar o trabalho de Daniel do Val Cosentino, "Um Múltiplo de transições: a transição do trabalho escravo para o trabalho livre em Minas Gerais", UNICAMP, Dissertação de Mestrado, Campinas, 2006. Este trabalho procurou analisar a transição do trabalho escravo ao trabalho livre em Minas Gerais. Contudo, concentrou as suas atenções eminentemente no século XIX, sem analisar o período de passagem do século XIX para o século XX, e todas as peculiaridades da formação do mercado de trabalho durante a Primeira República.

meios de transporte, da formação das indústrias e da consolidação do Estado e dos serviços públicos[6].

Nosso objetivo aqui é analisar aspectos específicos do processo de modernização e desenvolvimento capitalista do Sul de Minas entre os séculos XIX e XX. A questão das ferrovias, bancos e indústria. Evidentemente, sabemos das limitações dos dados e das fontes e que uma pesquisa mais completa e abrangente se faz necessária. Mas acreditamos que podemos contribuir para o debate lançando alguns elementos e discutindo algumas questões.

O trabalho esta dividido em 3 partes. Na primeira abordamos a questão das ferrovias em Minas Gerais, sua importância para o Sul de Minas e sua relação inicial com o comércio de abastecimento e posteriormente com o transporte de café. Na segunda parte analisamos a história dos bancos no território mineiro, seu desenvolvimento tardio, a proximidade e dependência de outras praças bancárias e a relação com a produção cafeeira. Por ultimo, enfatizamos a indústria mineira, sua baixa concentração de capital, a concentração em algumas regiões e o seu atrofiamento, sua importância e papel no Sul de Minas, bem como sua participação periférica. Por fim, buscamos fazer algumas considerações finais, levantando algumas questões e propondo algumas conclusões.

Tem café nesse trem? As Ferrovias no Sul de Minas Gerais (1876 – 1910)

No terceiro quartel do século XIX, muitas construções das principais linhas, troncos e ramais ferroviários na região Sudeste seguiram a lógica econômica do principal produto de exportação da época: o café. O maior exemplo foi o de São Paulo. Na historiografia é reconhecido que "o desenvolvimento da economia cafeeira não teria sido possível sem as estradas de ferro. As antigas tropas de mulas não podiam escoar uma grande produção espalhada por milhares de quilômetros" (SILVA, 1976, p. 57)

Além de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo passaram a construir linhas férreas para atender a escoamento desse produto no referido período. Mas em São Paulo o "boom" cafeeiro criou uma cada vez maior e integrada rede ferroviária, que por sua vez criou e dinamizou um mercado interno paulista.

As ferrovias do café se tornaram um investimento lucrativo. "Em 1858, a São Paulo Railway Co. Ltd. era organizada na Grã-Bretanha. Ela foi encarregada de construir uma estrada de ferro ligando o planalto de São Paulo ao porto de Santos" (SILVA, 1976, p. 57). Primeiro o Vale do Paraíba paulista, juntamente com o fluminense, eram a "região do café". Em seguida a Zona da Mata mineira. Depois, a região do planalto, mais conhecida como "oeste paulista" registrou a maior expansão e a fase mais dinâmica do período (PRADO JR., 2008). E, conseqüentemente o porto de Santos de tornou o principal porto brasileiro. Por ele e pelo o do Rio de Janeiro era feita a maior parte do escoamento desse produto. Mas além da São Paulo Railway "outras companhias construíram estradas de ferro para, a partir de São Paulo, servir todo o planalto. Essas companhias – entre as quais se destacavam a Paulista, a Sorocabana e a Mogiana – foram organizadas pelo capital cafeeiro brasileiro" (SILVA, 1976, p. 57)[7]. Esse período é considerado o de expansão e consolidação do capitalismo no Brasil, ao menos na região de economia cafeeira. E isso refletiu em toda a sociedade, seja na mão-

---

[6] Para alguns exemplos sobre urbanização das cidades paulistas neste período: DEVESCOVI (1987), LANNA (1995) PEREIRA (1999), VARGAS (2000), PAZIANI (2004).

[7] No caso dessas três companhias e a relação direta na economia cafeeira ver o clássico estudo: Flávio Saes (1981).

de-obra (escrava para livre), na urbanização ou na concentração de capitais nas mãos de alguns fazendeiros, companhias e empresários.

Contudo, nem apenas em regiões cafeeiras surgiram as ferrovias. Havia outros motivos que levaram a formação de companhias férreas. Primeiramente, lembremos da Lei nº 641, de 26 de julho de 1852, que permitia um grande retorno a quem resolvesse investir no setor. Pois essa lei oferecia "vantagens do tipo isenções e garantia de juros sobre o capital investido, foram prometidas às empresas nacionais ou estrangeiras que se interessassem em construir e explorar estradas de ferro em qualquer parte do País"[8]. O que, por si só, já atraía pelo menos a tentativa de um investimento com retorno garantido a curto prazo.

Em segundo lugar, algumas regiões de economia dinâmica ou que criaram um comércio intenso com regiões como o Rio e São Paulo, passaram a buscar esse meio de transporte rápido e eficiente, que reduzisse custos e preservasse os produtos de grandes perdas devido à longa trajetória percorrida. Inclusive, outras províncias como Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul também foram ocupadas com a construção de algumas estradas de ferro que transportavam produtos como trigo, açúcar, além de passageiros, animais e encomendas. Em Minas há dois grandes exemplos.

Um deles foi a cidade de São João del Rei, que era a sede da região conhecida como a comarca do Rio das Mortes, onde surgiu a Companhia Estrada de Ferro Oeste de Minas. A "Oeste", como ficou conhecida a Estrada de Ferro Oeste de Minas, foi a primeira ferrovia genuinamente mineira, pois as outras duas que aqui já existiam (Estrada de Ferro Central do Brasil e Estrada de Ferro Leopoldina) surgiram no Rio de Janeiro (MAIA, 2002). Já a Oeste, teve seu capital formado na praça da cidade de São João del Rei, importante centro comercial mineiro no século XIX, mas que não possuía economia voltada para o café (SANTOS, 2009).

O outro caso é a região que hoje conhecemos como do "Sul de Minas", objeto desse estudo. Em "História Econômica do Brasil", Caio Prado Júnior ao falar sobre o abastecimento de produtos agrícolas no século XVIII para a região de mineração aurífera em Minas e para o Rio de Janeiro (capital da Colônia a partir de 1763), já reconhece a importância dessa região. "Servi-lhes-à sobretudo o Sul de Minas Gerais, onde se desenvolve uma economia agrária que embora não contando com gêneros exportáveis de alto valor comercial – como se dera com as regiões açucareiras do litoral -, alcançará um nível de relativa prosperidade." (PRADO JR, 2008, p. 65). Tal região desenvolveu um intenso comércio, a princípio com as regiões auríferas, depois com o Rio de Janeiro, e juntamente com este surge São Paulo na segunda metade do século XIX. Segundo Isaías Pascal "os centros mais dinâmicos das atividades produtivas estavam ligados a áreas com alto ou médio nível de ligação com o comércio" (PASCAL, 2007, p. 273).

Em Minas, as regiões de comércio mais intenso foram aquelas onde justamente se desenvolveram primeiro os trilhos. Inicialmente, a Zona da Mata, com a Leopoldina avançando nessa região e outras pequenas companhias que foram incorporadas por ela, além da Central do Brasil, também nessa região, mas que chegaria a Ouro Preto, capital da província de Minas. Depois a Companhia Estrada de Ferro Oeste de Minas, como dito anteriormente. E, o que nos interessa, o Sul de Minas. A exceção é o famoso caso da Estrada de Ferro Bahia e Minas, que ligava o porto de Caravelas no sul da Bahia a Araçuaí, passando por Teófilo Otoni, município que teve relativo crescimento no fim do XIX. Essas cidades compreendiam a região do Vale do Mucuri e Jequitinhonha em Minas, mas futuramente a linha se mostrou altamente deficitária, devido à região não

---

[8] Disponível em: http://www1.dnit.gov.br/ferrovias/historico.asp, visitado em 3/11/2009.

possuir uma economia dinâmica e de vulto (WIRTH, 1982). No caso do sul mineiro, foram quatro as principais empresas.

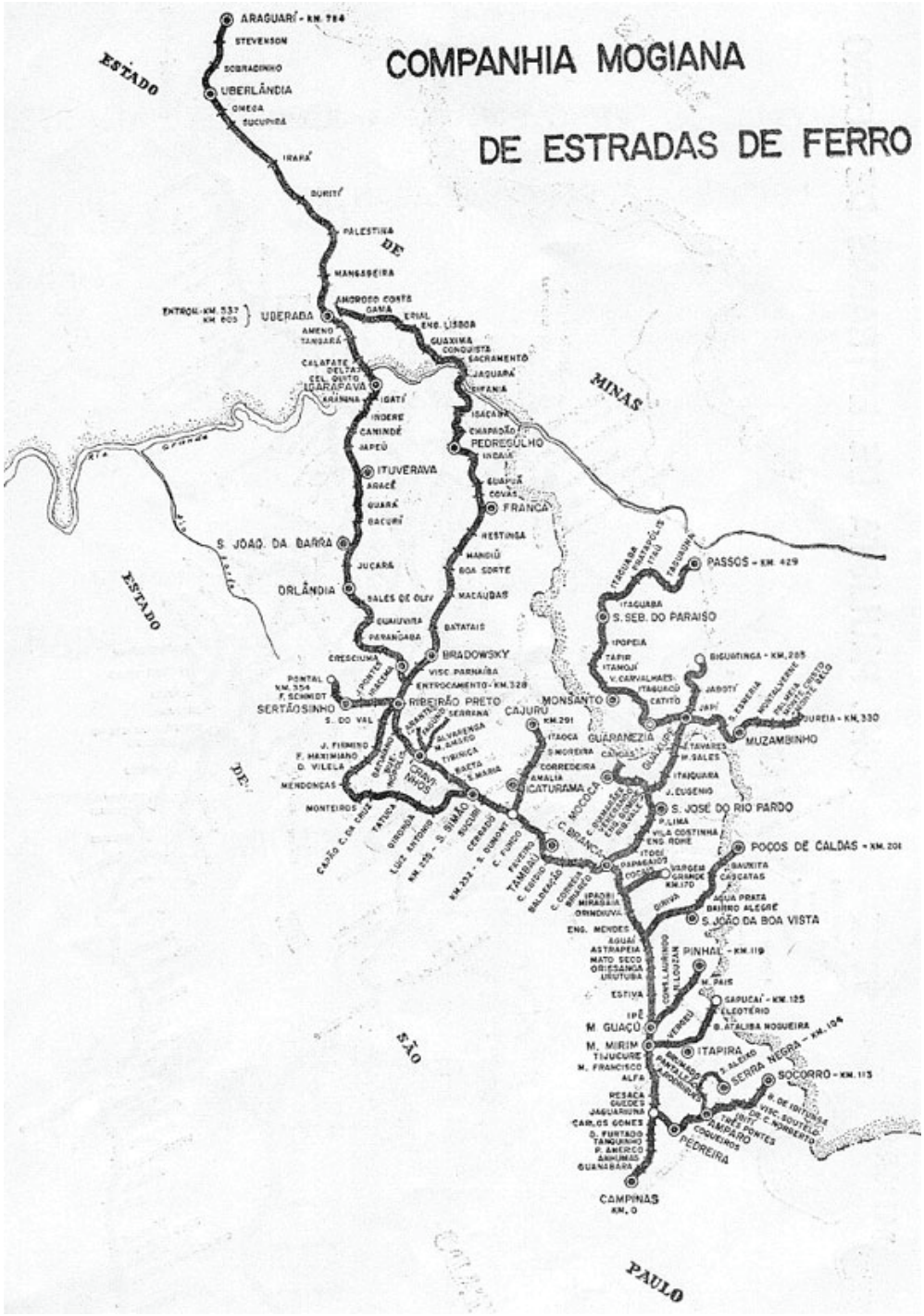
A mais antiga foi a Estrada de Ferro Rio Verde, onde o próprio Barão de Mauá, construtor da primeira ferrovia brasileira era um dos concessionários. A partir de 1880 essa empresa foi vendida e ficou conhecida por "Minas e Rio", controlada pela Companhia *Minas & Rio Railway Company Limited*, de capital inglês. Sua linha partia de Cruzeiro (interior de São Paulo, e ligação com a Central do Brasil) e ia até Três Corações, em Minas. A justificativa seria a de que "o Sul de Minas é o celeiro do Rio de Janeiro, e tanto que a *commissão* encarregada de estudar a questão do abastecimento *daquella* cidade aconselhou que para isso se apressasse a *construcção* da estrada de ferro do Rio Verde."[9]

Em seguida, na década de 1880, surgiu a "Viação Férrea Sapucahy" e logo depois a Estrada de Ferro Muzambinho. Ambas corriam quase que paralelamente, ligando várias cidades sul mineiras. A leste elas se ligavam a Minas e Rio. A oeste se encontravam com a "Companhia Mogyana de Estradas de Ferro", originária da província de São Paulo, servindo a uma grande região cafeeira (Mapa 3). A Mogiana, uma dessas quatro ferrovias no sul mineiro, penetrou o triângulo e o Sul de Minas, atingindo regiões de grande comércio de abastecimento, mas que também já começava a produzir café para exportação. "Basta lembrar que a região mais favorecida, a do sul do Estado, *quasi* triplicou a sua *producção* no espaço de cinco *annos*, especialmente quanto ao café"[10]. As concessões são realizadas nos anos 70, mas as inaugurações datam dos anos 80 e 90 do XIX. No caso da Muzambinho, nem mesmo a concessão das garantias de juros sobre os capitais investidos aconteceu. Ela "não tem garantia de juros, nem subvenção *kilometrica*, vão servir à uma zona importante e parece que terá renda *sufficiente* e remuneradora dos *capitaes nella* empregados"[11]. Serviu cidades como Varginha e Areado, famosas pela produção de café na última década do século XIX e século XX.

---

[9] Relatório de Presidente de Província do ano de 1877, p. 84-85, seção "estradas de ferro".
[10] *Relatório*, 1899, p. 29.
[11] *Relatório*, 1887, p. 86.

MAPA 3

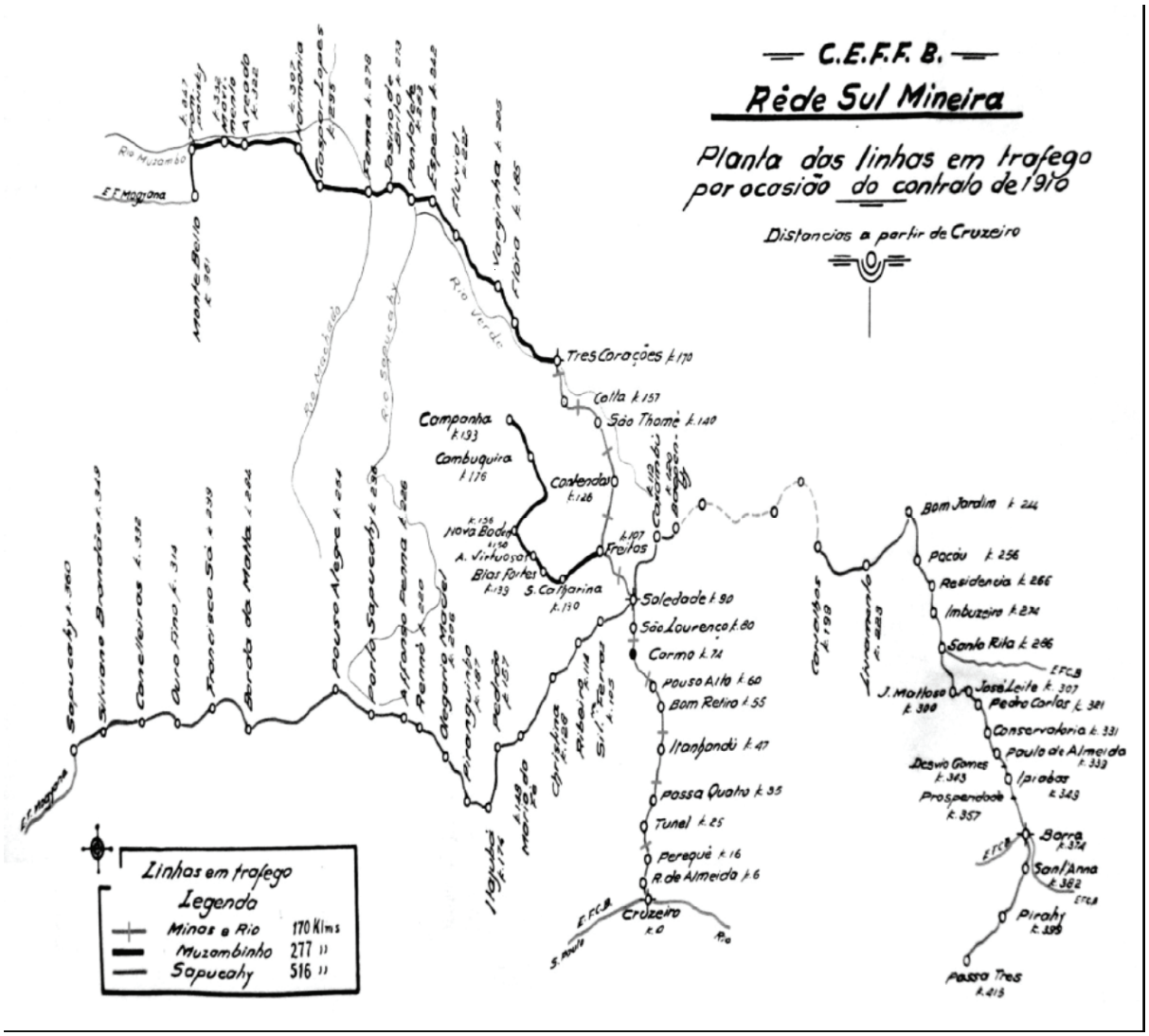


Fonte: Original contida no suplemento da Revista Ferroviária de 1961, retirada da internet (http://www.tsfr.org/~efbrazil/cmef_map.html), acesso em fevereiro de 2010.

Dessa forma podemos concluir, precariamente, que as ferrovias no Sul de Minas Gerais começaram a se instalar para atender uma região voltada para um comércio de abastecimento do Rio de Janeiro e de São Paulo, mas que era dinâmica e promissora. Com o passar dos anos, a região também passou a se ocupar do plantio e exportação de café, o que explicaria a penetração da Companhia Mogiana em Minas (além do fator geográfico, pois essa região é um prolongamento natural do estado de São Paulo), e as conexões com as duas ferrovias mineiras (Mapa 2). O período em que tal ocorreu, foi

justamente na passagem do XIX para o XX. Embora nessa época, o café ainda fosse predominante na Mata e dinamizasse essa região, registrando inclusive a maior quantidade de ramais ferroviários. "Todavia, há que se considerar que, embora desenvolvida em torno dos eixos cafeeiros, as ferrovias do Sudeste favoreceram a criação de toda uma rede de comércio, de serviços e de indústrias" (PAULA, 2000, p. 67).

MAPA 4



Fonte: Santos (2009)

Por volta de 1900, muitas dessas ferrovias foram encampadas pelo estado de Minas, e em seguida pelo próprio governo federal. Foi o Caso da *Sapucahy* e da Muzambinho. Os déficits eram recorrentes, ano a ano, embora maiores na *Sapucahy* e não tão freqüentes na Muzambinho. As subvenções pagas oneravam os cofres, e a crise nos preços do café e inflação de produtos em geral da década anterior potencializaram as dificuldades das ferrovias. E não apenas no Sul de Minas. A Oeste de Minas e a própria Leopoldina foram encampadas pela União[12]. Ainda segundo Wirth, "na segunda

[12] *Relatório*, a partir de 1899.

fase (1900-1930), o governo federal rescindiu a maior parte das concessões particulares e controlou a construção de ferrovias até o governo estadual participar efetivamente, na década de 1920". (WIRTH, 1982, p. 103)

Em 1910 o governo cria a "*rêde* sul-mineira de estradas de ferro *federaes* brasileira", que ficou conhecida como Rede Sul Mineira. Ela aglutinou as três empresas sul mineiras ferroviárias: Minas e Rio, *Sapucay* e Muzambinho. Posteriormente surgem pequenos ramais, sempre ligados ao café e conectando cidades ainda não servidas por vias férreas (como Machado e Três Pontas). Mas tais ferrovias foram absorvidas pela Rede Sul Mineira. Essa companhia seria uma das empresas que formaram a Rede Mineira de Viação em 1931, juntamente com a Estrada de Ferro Oeste de Minas. Minas, desde o alvorecer do século XX já detinha a mais extensa rede ferroviária do Brasil (Tabela 2).

Tabela 2 – Extensão da rede ferroviária em tráfego, segundo as Unidades da Federação — 1883-1977

Unidades da federação	Extensão da rede ferroviária em tráfego (Km)				
	1883-84	1 905	1 919	1 936	1 940
BRASIL	5 708	16 782	28 128	33 521	34 252
Rondônia	—	—	—	—	—
Acre	—	—	—	—	—
Amazonas	—	—	8	5	5
Roraima	—	—	—	—	—
Pará	—	142	398	376	376
Amapá	—	—	—	—	—
Maranhão	—	78	178	451	449
Piauí	—	—	—	185	247
Ceará	238	514	891	1 240	1 274
Rio Grande do Norte	120	155	323	499	519
Paraíba	122	244	329	490	489
Pernambuco	291	792	833	1 065	1 082
Alagoas	127	266	327	347	346
Sergipe	—	—	299	303	303
Bahia	708	1 311	1 728	2 145	2 155
Minas Gerais	662	3 843	6 614	8 038	8 176
Espírito Santo	—	336	609	773	731
Rio de Janeiro	1 706	2 661	2 794	2 810	2 848
São Paulo	1 457	3 790	6 615	7 330	7 440
Paraná	41	834	1 110	1 508	1 580
Santa Catarina	—	166	1 018	1 186	1 188
Rio Grande do Sul	236	1 650	2 705	3 214	3 490
Mato Grosso (1)	—	—	1 167	1 170	1 168
Goiás	—	—	182	386	386
Distrito Federal	—	—	—	—	—

FONTE: Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988. 2. ed. rev. E atual. do v. 3 de Séries estatísticas retrospectivas. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.
NOTA: Para manter a comparabilidade ao longo do período, os dados referem-se à atual divisão territorial do país. (1) Inclusive Mato Grosso do Sul.

De onde vem o dinheiro? Os bancos de Minas Gerais numa economia em transição

"*Ser mineiro é vender queijos e ter bancos*" diz um dos versos do poema famoso de Fernando Sabino. Porém, de certa maneira, a expansão dos bancos mineiros se fez

tardiamente, somente depois da abolição da escravidão, em 1889, e bem depois da consolidação da produção de café na Zona da Mata, em torno de 1850.

As primeiras notícias de bancos em Minas remontam à caixa filial do Banco do Brasil estabelecida em Vila Rica ainda em 1819. Depois dela, foi criada uma caixa econômica em Ouro Preto, em 1838, e uma nova caixa filial do Banco do Brasil, em 1856. Até 1887, seriam criados apenas mais quatro bancos, um na cidade de Paraopeba e os demais na região de Ouro Preto e São João del Rey. Em 1887, foram criadas a Caixa Econômica de Ouro Preto e o Banco Territorial e Mercantil em Juiz de Fora. Antes da abolição, Minas contava com nove bancos concentrados na região de Ouro Preto e São João del Rey. A Zona da Mata, que será a região bancária mais importante de Minas na primeira década republicana, contava nessa altura com apenas um banco. Hasenbalg e Brigagão (1970) chegam a afirmar que a atividade bancária em Minas durante o império foi quase inexistente.

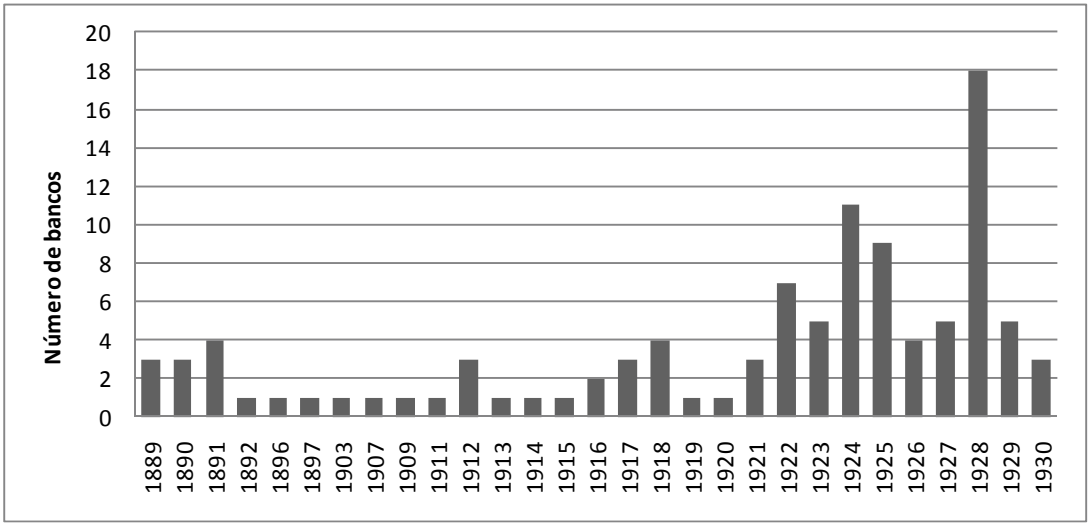
O reduzido número de bancos e sua concentração espacial levaram Mascarenhas (1954) e Albino (1957) a localizar a origem do sistema bancário mineiro somente no contexto do surto industrial experimentado pela região nas duas últimas décadas do século XIX. A marca dessa origem seria o Banco de Crédito Real estabelecido em 1889 na cidade de Juiz de Fora, Zona da Mata. Com isso, os autores sugerem uma relação entre o surto industrial e a origem dos bancos mineiros. No entanto, ao considerar a atividade bancária pré-abolição, Bastos (1997) sustenta que o final do século XIX, mais do que de origem, foi um momento de expansão dos bancos mineiros e, junto com Pires (1993), defende que o capital direcionado para tais bancos nesse momento não estava ligado ao surto industrial, mas à agricultura, sobretudo à produção de café. O surto industrial teria servido apenas para expandir e estruturar uma atividade que já era comum entre fazendeiros da região que ia de São João del Rey a Juiz de Fora.

Lima (1977), ao negar o vínculo exclusivo da indústria e, por extensão, dos bancos, com a economia cafeeira em Minas, indica outras perspectivas para a origem do capital dos bancos mineiros, embora não as aponte. Outras perspectivas já trilhadas por Hasenbalg e Brigagão (1970) ao sugerirem que a principal fonte do capital bancário foi o capital comercial, sobretudo o de pequenos e médios comerciantes do interior do estado. Wirth (1982) segue essa linha ao indicar que a expansão dos bancos mineiros estava ligada à expansão do comércio numa economia em desenvolvimento. Já Borges, citado por Costa (1978), deixa o comércio e enfatiza, a partir do exemplo de uma casa bancária do Sul de Minas, que o capital dos bancos mineiros surgiu do avanço das relações de crédito entre grandes e pequenos proprietários.

As interpretações divergentes sobre a origem do capital bancário mineiro parecem encobrir que até o final do século XIX eram os bancos do Rio de Janeiro que ofereciam seus serviços aos clientes mineiros. Dessa maneira, segundo Iglésias (1958), os bancos da capital abafavam o surgimento de bancos em Minas e canalizavam recursos mineiros para o Rio de Janeiro. O isolamento entre os centros comerciais de Minas, a ausência de uma saída para o mar e a ligação entre os produtores de café e os bancos do litoral contribuíam para reforçar tal movimento (WIRTH, 1982).

Por isso, independentemente da origem de seu capital, a criação de bancos em Minas no final do XIX significou um rompimento do canal que levava os recursos mineiros para os bancos do Rio de Janeiro. Daí o interesse de governantes mineiros em estimular o estabelecimento de bancos em Minas com agências nos centros exportadores (PIRES, 1993; WIRTH, 1978). A partir dessa época, a expansão dos bancos em Minas segue o ritmo do desenvolvimento econômico do estado, com picos no próprio final do século XIX, no início da década de 1910 e, sobretudo, na década de 1920 (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Nº de bancos criadas em Minas Gerais entre 1889 e 1930



Fonte: BASTOS (1997) e COSTA (1978).

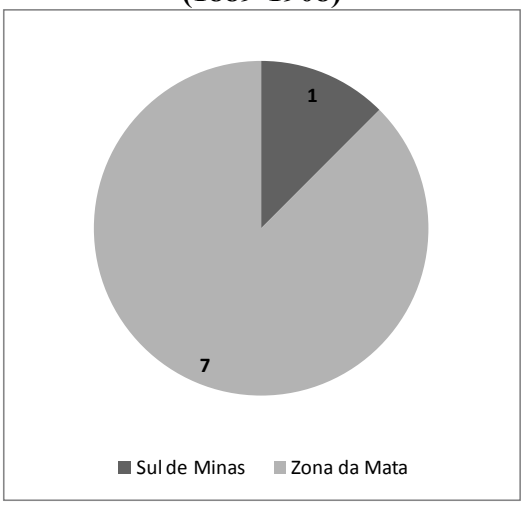
De maneira sucinta, a expansão bancária verificada entre o final de década de 1880 e o início da década de 1890 corresponde à liberação de capitais decorrente da abolição da escravidão (BASTOS, 1997) e ao transbordamento de recursos acumulados na produção cafeeira da Mata para a atividade bancária (PIRES, 1993; 2004). A crise da cafeicultura de meados da década de 1890 interrompe o ritmo de criação de bancos até o início da década de 1910.

Bastos (1997) chega a afirmar que nenhum banco foi criado em Minas Gerais entre 1896 e 1909. De fato, os bancos que aparecem no gráfico em 1897 e 1903 são, na verdade, bancos já existentes que foram reinaugurados na recém-construída Belo Horizonte. Já a instituição financeira apontada em 1907 é uma cooperativa de crédito fundada em Miraí, cidade da Zona da Mata, que funcionava como banco. Ou seja, a rigor nenhum banco foi criado em Minas no período destacado por Bastos.

Depois de um período sem criação de bancos, o início da década de 1910 experimenta não só o aumento do ritmo da expansão bancária mineira, como a mudança da direção dessa expansão. Se no período anterior, prevaleceram os bancos criados na Zona da Mata, agora a expansão bancária segue rumo à nova capital e ao Sul de Minas. Na década de 1920, quando o desenvolvimento dos bancos em Minas é mais marcante (COSTA, 1978), a liderança do Sul de Minas no setor bancário se consolida (Gráficos 2 e 3).

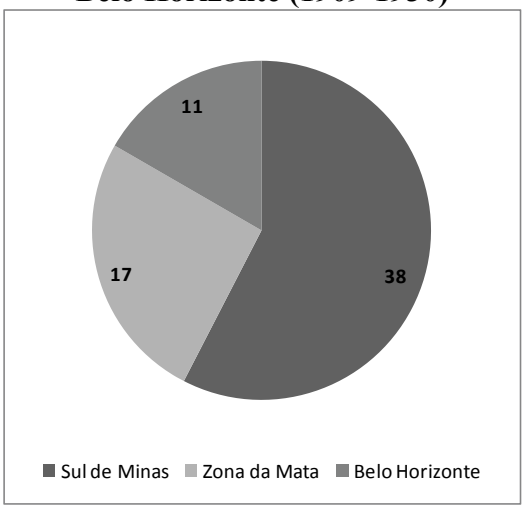
Interessante notar que o movimento de expansão dos bancos mineiros em direção ao Sul de Minas coincide com o movimento mais geral da economia brasileira em que a economia fluminense começa a perder importância relativa frente à economia paulista. Se inicialmente os bancos da Zona da Mata se desenvolvem num espaço ligado economicamente ao Rio de Janeiro, agora é o setor financeiro do Sul de Minas que passa a se desenvolver com mais vigor num espaço economicamente ligado a São Paulo. A mudança do eixo da economia nacional do Rio de Janeiro para São Paulo parece ser elemento importante para explicar a ascensão dos bancos nessa região.

Gráfico 2 – Nº de bancos criados no Sul de Minas e na Zona da Mata (1889-1908)



Fonte: BASTOS (1997) e COSTA (1977)

Gráfico 3 – Nº de bancos criados no Sul de Minas, na Zona da Mata e em Belo Horizonte (1909-1930)



Fonte: BASTOS (1997) e COSTA (1977)

É também na década de 1920 que cresce significativamente o número de agências bancárias espalhadas pelo estado. São os novos bancos fundados nesse período que irão investir na criação de uma rede de agências no estado (Tabela 3). Como boa parte desses bancos foi criada no Sul de Minas, é lícito supor que a região contasse com razoável rede de atendimento bancário.

Tabela 3 – Estabelecimentos bancários em funcionamento em Minas Gerais em 1925

Data de inauguração	Matrizes	Agências	Total
Antes de 1891	1	-	1
1891-1900	-	3	3
1901-1910	1	2	3
1911-1920	**10**	**33**	**43**
1921-1925	**30**	**35**	**65**

Fonte: COSTA (1978).

Vale ressaltar, no entanto, que, apesar da mudança da direção da expansão bancária, o grosso das operações bancárias estava concentrado em poucos grandes bancos, nenhum deles localizado no Sul de Minas. O banco Hipotecário e Agrícola e o banco Comércio e Indústria, ambos de Belo Horizonte, e o banco de Crédito Real, de Juiz de Fora, por exemplo, abocanhavam juntos cerca de 90% dos depósitos em conta corrente de Minas entre 1920 e 1925 (COSTA, 1978). Em que pese o grau de concentração indicado por esse dado, a expansão bancária do Sul de Minas no período não deixa de refletir que algo se passava com a economia daquela região.

Ao cruzarmos os dados de produção de café, produção industrial e fundação de bancos no Sul de Minas, notamos que as principais cidades produtoras de café da região em 1927 e que, ao mesmo tempo, tinham alguma produção manufatureira ou industrial

em 1907 tiveram algum banco criado entre 1909 e 1927 (Tabela 3). Além disso, a Mogiana e a Rede Sul Mineira levavam o trem à maioria dessas cidades. De maneira muito geral, isso aponta uma interessante correlação entre café, indústria incipiente, ferrovias e bancos no Sul de Minas. De maneira muito geral, isso aponta uma interessante correlação entre café, indústria e bancos no Sul de Minas. Mais do que criar condições favoráveis ao investimento inicial da cafeicultura e da indústria, talvez os bancos tenham vindo para essa região em busca das oportunidades geradas por essas atividades, como sugere Wirth (1982) para o caso de Minas em geral, seguindo uma possível demanda por crédito e outros serviços financeiros.

Tabela 4 – Principais cidades produtoras de café do Sul de Minas em 1927 com alguma produção industrial apontada em 1907

Ano de fundação	Banco	Local
1909	Banco de Guaxupé	Guaxupé
1915	Casa bancária Alves Pereira e Cia	Guaranésia
1917	Banco Santaritense	Santa Rita do Sapucaí
1918	Banco de Monte Santo SA	Monte Santo
1921	Casa bancária Campos Lima e Cia	Guaranésia
1921	Casa bancária Alves Pereira e Cia	Guaranésia
1921	Banco Machadense	Machado
1922	Casa bancária Odilon Freire e Cia	Guaranésia
1922	Ferreira Alves e Cia Ltda	Guaxupé
1922	Banco J.O. Rezende e Cia	São Sebastião do Paraíso
1922	Casa bancária Lima, Bernardes, Forli e Cia	Monte Santo
1924	Banco Popular do Sul de Minas	Santa Rita do Sapucaí
1924	Banco Comercial e Agrícola A.C. Pinho e Cia Ltda	São Sebastião do Paraíso
1924	Casa bancária Alves Lima e Cia	Monte Santo
1925	Casa bancária Tavares, Monteiro e Cia	Guaranésia
1925	Banco da Varginha - Dias Ferreira e Cia	Varginha
1925	Banco Comercial e Agrícola de Varginha	Varginha
1927	Casa bancária Bernardino Nantes	Monte Santo
1927	Banco Comercial e Agrícola Soc. Ltda	São Sebastião do Paraíso

Fonte: COSTA (1978); DINIZ (1981); BASTOS (1997).

Finalmente, a expansão dos bancos mineiros entre o final do século XIX e início do XX indica que a economia de Minas Gerais passava por importantes transformações, demandando crédito em maior quantidade e de melhor qualidade. A expansão bancária do período certamente contribuiu para o aumento quantitativo do crédito, porém, até 1930, a economia mineira ainda se ressentiria de crédito de longo prazo com juros mais baixos (WIRTH, 1982). Essa demanda específica e a oferta financeira possivelmente

gerada por ela podem ser consideradas reflexos de uma economia agroexportadora em transição.

Ao mesmo tempo, algo aconteceu na economia mineira ou no contexto mais amplo em que estava inserida para provocar o deslocamento territorial da expansão bancária para o Sul de Minas. As informações apresentadas brevemente acima sugerem que seria interessante e necessário aprofundar os estudos nesse sentido, a fim de verificar dinamicamente em que medida os efeitos dessa transição da economia mineira perturbam os esquemas regionais propostos pela historiografia econômica de Minas para o século XIX.

A emergência da produção industrial

Na transição do século XIX para o XX, Minas Gerais não poderia ser considerado como um estado em que o processo de expansão industrial era representativo. No Brasil, de maneira geral, esse processo era ainda bastante incipiente e, apenas a cidade do Rio de Janeiro – como Distrito Federal –, e o Estado de São Paulo poderiam ser classificados como emergentes centros industriais. Algumas ambigüidades tornavam Minas Gerais uma região com potencial para formar sua indústria, mas que se esbarrava em suas peculiaridades para materializar tal projeto: era a maior população brasileira, mas não o maior mercado consumidor; e, era uma das maiores economias do país, mas tal capital não se concentrava a ponto de diversificar as suas atividades econômicas. Em suma, Minas Gerais estava formando sua indústria no início do século XX, mas seguindo uma dinâmica própria.

Entretanto, é preciso aclarar que essa discussão sobre a emergência da indústria no início do século XX se dissocia, em parte, daquela sobre as condições e as evidências de uma proto-industrialização na região já durante o século XVIII. Dissocia-se pois, ao tratar de uma estrutura artesanal, ou no limite, manufatureira, o objeto em foco da idéia da indústria moderna. Todavia, dissocia-se *em parte* porque ao tratar do mesmo espaço geográfico, não há como deixar de considerar os aspectos das heranças artesanais na economia e sociedade mineira nas décadas seguintes.

Essa estrutura setecentista seria aprofundada por meio do debate travado sobre a história de Minas Gerais pós-decadência do chamado "ciclo do ouro". Grosseiramente, enquanto Celso Furtado (1961) e Antonio Barros de Castro (1971) alertavam para o retrocesso da economia nos setecentos, ora pelo baixo desenvolvimento endógeno, ora pela reduzida quantidade de capital fixo para montagem de uma indústria moderna, autores como Roberto Martins (1980a) e Douglas Libby (1997), respectivamente, revisariam a temática apontando para uma Minas Gerais, tanto mais dinâmica e vigorosa, como o espaço de uma emergente estrutura manufatureira. Não tentando responder ao dilema do debate, é possível considerar a estrutura industrial mineira dos novecentos nesse processo contraditório de potencialidades e gargalos, e de uma ampla complexidade resultante da diferenciação espacial de seu território.

Como é possível observar na tabela abaixo, segundo o censo industrial de 1907,[13] Minas Gerais aparecia em segundo lugar no que diz respeito ao número de

[13] Vale ressaltar que o Censo de 1907, apesar de junto com o Censo de 1920 serem uma das principais fontes de para o estudo da indústria brasileira na Primeira República, deve-se apropriar de seus dados com cautela. O Censo de 1907 foi uma grande pesquisa sobre a indústria no período que, infelizmente, não foi respondida de maneira igualmente precisa por todos os Estados. Ademais, o capital das empresas nem sempre era o capital realizado, mas o capital registrado. Para alguns comentários sobre o Censo: FONSECA (1984).

indústrias. Contudo, eram indústrias em que tanto o volume de capital como o valor da produção eram bastante limitados em comparação com outros Estados. Com relação ao número de operários, enquanto São Paulo tinha uma média de cerca de setenta operários por indústria, e o Distrito Federal cerca de cinqüenta, em Minas Gerais essa média era reduzida para dezessete. Isso significa que as indústrias mineiras, apesar de numerosas, ainda eram bastante rudimentares, e não somente eram compostas por pequenas quantidades de capital fixo, como por uma divisão do trabalho também limitada em comparação com os emergentes centros industriais brasileiros; enfim, pode-se inclusive questionar o próprio significado do conceito de indústria em Minas Gerais no período, atividades que se aproximavam mais do artesanato ou da manufatura.

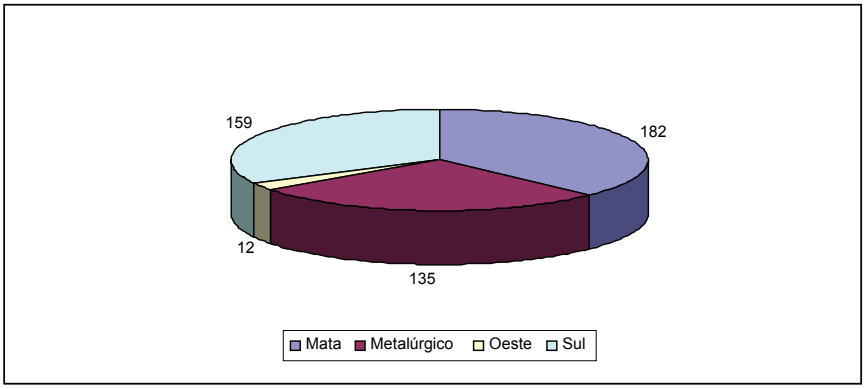
Tabela 5 – Indústria manufatureira, principais Estados - 1907

Estados	Número de estabelecimentos	Capital (Mil contos)	Produção (Mil contos)	Número de operários
Distrito Federal	670	170	224	35.243
São Paulo	326	128	118	24.186
Rio Grande do Sul	314	49	100	15.426
Rio de Janeiro	207	86	56	13.632
Pernambuco	118	59	55	12.042
Minas Gerais	531	28	33	9.555
Bahia	78	28	25	9.964
Total	3.120	653	731	149.018

Fonte: Diniz, 1981, p.108.

E ainda, como alertado anteriormente, a distribuição dessas empresas nas regiões de Minas Gerais era bastante desigual. Considerando as sete regiões políticas enfatizadas por Wirth (1982), cerca de 90% das "indústrias" mineiras concentravam-se em apenas três regiões: Mata, Metalúrgica (centro) e Sul, as quais daremos maior destaque no texto. Vale ressaltar que a origem das indústrias era bastante diversa, seguindo a lógica da formação econômica heterogênea de cada lugar. De um lado, a Zona da Mata, com Juiz de Fora como pólo irradiador do processo, se destacava como a nova e moderna região industrial, com uma significativa influência das rendas provenientes da economia cafeeira (PIRES, 1993). De outro lado, a zona Metalúrgica ostentava o pioneirismo das atividades manufatureiras, se valendo dos maiores núcleos urbanos mineiros resultantes da dinâmica da economia aurífera. Por fim, despontando mais recentemente, uma nova indústria na região sul do estado, região que pendia ora para atividades ligadas à economia de abastecimento – especialmente por sua estreita ligação com o comércio da antiga corte –, ora para o desenvolvimento da economia agrário-exportadora cafeeira (PAULA, 2002).

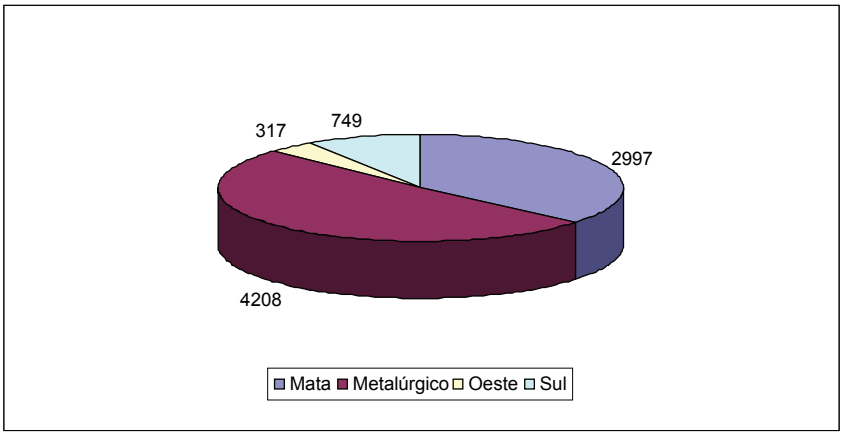
Gráfico 4 – Número de estabelecimentos industriais nas principais regiões de Minas Gerais – 1907



Fonte: Diniz, 1981, p.109-11.

Se era a Zona da Mata a região com o maior número de empresas industriais em Minas, era a região central que apresentava o maior número de operários em 1907. A média de operários por indústria na zona metalúrgica era de aproximadamente trinta, enquanto a Zona da Mata apresentava uma média de dezesseis. A média de trabalhadores no Oeste também era elevada (cerca de vinte e seis), conseqüência de duas grandes empresas, uma em Cidade do Pará com 60 operários e outra em Pitangui com 113. O Sul, por sua vez, apresentava uma média muito baixa de quatro trabalhadores por empresa, característica esta disseminada em praticamente todas as cidades sul-mineiras, com indústrias mais próximas de pequenos artesanatos e empresas de alimentos para o consumo local.

Gráfico 5 – Número de operários nas maiores regiões industriais Mineiras - 1907

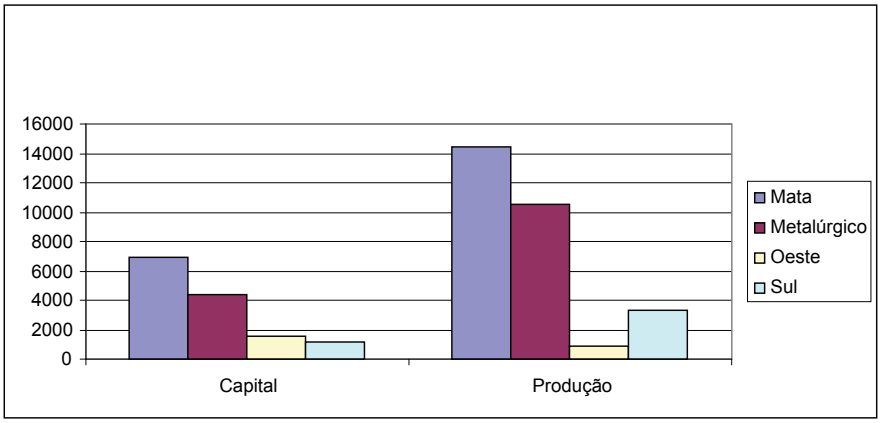


Fonte: Diniz, 1981, p.109-11.

Contudo, bastante reveladores são os dados sobre produção e capital das indústrias nas diferentes regiões. Afinal, se por um lado a região metalúrgica concentrava a maior população de operários em Minas Gerais, o capital nominal de suas indústrias e o valor da produção eram maiores na Mata. Isso significa que a região da Mata e, especialmente a cidade de Juiz de Fora, era o lugar por excelência da moderna indústria mineira. Alguns fatores auxiliavam a cidade a assumir tal papel no desenvolvimento industrial regional: a modernização rodo-ferroviária a partir da década de 1870, a formação dos maiores bancos mineiros, a expansão do setor elétrico com a

Cia. Mineira de Eletricidade e, irradiando todas essas transformações, a existência de uma dinâmica economia cafeeira (PAULA, 2002, p.12). Em suma, mais que a região, era Juiz de Fora o centro industrial: em termos de trabalhadores, a capital industrial do estado mantinha uma média de trinta e cinco trabalhadores por indústria, mas, ainda mais importante, a cidade sozinha somava não somente mais capital como aproximadamente oitenta por cento do valor da produção de toda a região metalúrgica (DINIZ, 1981, p.110).

Gráfico 6 – Capital e valor da produção nas principais regiões industriais em Minas Gerais - 1907 (contos)



Fonte: Diniz, 1981, p.109-11.

Assim como parcela representativa de toda indústria brasileira na primeira década do século XX, em Minas Gerais os principais setores industriais eram de bens de consumo não duráveis, isto é, alimentos e artigos têxteis. Em suma, eram empresas características ainda da Primeira Revolução Industrial, enquanto internacionalmente se avançava para a consolidação de empresas oligopolistas de bens de capital (OLIVEIRA, 2003). Fábricas de alimentos, normalmente artesanais e sem grandes sofisticações tecnológicas, eram as mais numerosas em 1907. Mesmo representando cerca de 30% do valor da produção industrial mineira, o capital que constituía tais empresas era proporcionalmente reduzido, o que atesta a condição rudimentar de tais empreendimentos. Por outro lado, seguindo os casos clássicos de industrialização, era o setor têxtil que se firmava na liderança do processo industrial, mesmo com reduzido número de empresas em comparação ao setor alimentício, era esse setor que dominava a valor da produção e concentrava os maiores recursos. Afinal, na transição para o século XX o a economia brasileira havia se tornado mercado consumidor de máquinas e equipamentos estrangeiros, o que impulsionava o crescimento da indústria têxtil, mas mantinha a relação de dependência com as economias centrais.

Tabela 6 – Estrutura industrial de Minas Gerais – 1907

Setores	Número de estabelecimentos	Capital (contos)	%	Produção (Contos)	%
Alimentos	270	5.094	18,9	10.384	32,5
Fumo	10	212	0,7	894	2,1
Têxteis	36	15.884	62,9	12.807	40,2
Artigos de Couro	30	1.203	4,4	2.205	6,9
Mat. De Construção	100	1.716	5,4	1.928	6,0
Metal e maquinaria	32	984	3,6	1.940	6,1
Produtos químicos	14	338	1,2	957	3,0
Diversos	37	303	1,0	961	3,1
Total	529	26.820	100	31.879	100

Fonte: Lima, 1977, p.103

Em síntese, é possível identificar três regiões principais no processo de expansão industrial em Minas Gerais durante a Primeira República. Em primeiro lugar, respondendo às heranças proto-industriais, mas juntamente com os limites impostos apresentados tanto por Furtado como Barros de Castro, a região metalúrgica era um centro de grande operariado, mas de limitado desenvolvimento tecnológico. A estrutura manufatureira, ao que parece, pouco se transformou ao longo do século XIX, se aproveitando dos mais populosos centros urbanos mineiros, mas sem encontrar forças endógenas suficientes para reproduzir-se e modernizar-se. Em segundo lugar e, com uma dinâmica bastante diferente, a indústria se modernizou na Zona da Mata: seguindo a lógica existente no complexo cafeeiro paulista, o capital industrial em Juiz de Fora se constituiu mediante os interstícios do comércio agrário-exportador. Finalmente, em terceiro lugar, a indústria do Sul de Minas, pequena, arregimentando poucos trabalhadores e sem sofisticações tecnológicas, crescia numa dinâmica ambígua, ora reproduzindo o modelo cafeeiro da Zona da Mata, ora recuando às suas heranças de abastecimento interno. No restante do Estado, poucas plantas fabris se dispersavam pelos mais diversos municípios, mas sem construir importantes redes de comunicação e integração do mercado regional.

Na década de 1920, o contexto alterou-se muito pouco. A Zona da Mata mantém-se como maior produtor de bens industrializados do Estado, vendendo para seu mercado local, mas dependendo financeiramente e tecnologicamente cada vez mais de suas articulações com a cidade do Rio de Janeiro. A região Sul, por sua vez, amplia sua participação, praticamente dividindo a segunda posição com a região metalúrgica. Um argumento plausível para essa aproximação é, de um lado, a continuidade de uma estrutura industrial arcaica na região metalúrgica, somada a maior representatividade da região Sul na produção da economia mineira de maneira geral.

Tabela 7 – Produção industrial nas principais regiões mineiras – 1920

Regiões	Produção (mil contos)	%
Mata	286	27,9
Metalúrgica	180	17,6
Sul	162	15,9
Oeste	89	8,7
Outras[14]	303	29,2
Total	1.025	100

Fonte: Lima, 1977, p.120.

A constituição da indústria em Minas Gerais continuava caminhando, mas em passos lentos e dispersos. O Estado não podia ser considerado como um centro industrial, mas como esparsas regiões com processos de crescimento industrial bastante diferenciado: Juiz de Fora era de longe o mais bem sucedido caso de expansão industrial, mas ainda assim, em comparação com outras cidades industriais como São Paulo e Rio de Janeiro, era um caso bastante atrasado.

O Sul de Minas, então, revelava-se como uma síntese de uma economia periférica na periferia. Era uma região que, participando de uma contínua integração regional, incorporando os elementos modernos difundidos do centro do capitalismo, não conseguia criar sua indústria. Sua produção industrial vinha ampliando a participação no valor total da produção de Minas Gerais, quase dobrando entre 1907 e 1920. Mas, ainda assim, a indústria mantinha uma estrutura bastante rudimentar.

Considerações finais:

Apesar de fazer parte do sistema capitalista ao longo de todo o século XIX, o capitalismo no Brasil inicia sua consolidação somente nos anos de transição para o século XX. A posição de uma economia periférica no sistema econômico mundial, a manutenção da escravidão até quase a última década oitocentista, e todas as limitações financeiras e tecnológicas, tornavam ainda mais difícil o desafio da construção de relações sociais capitalistas, com mercado de trabalho livre e assalariado, produção capitaneada pela indústria e condições adequadas de infra-estrutura e financiamento.

Em Minas Gerais, por sua vez, essa transição se deu de maneira bastante desigual. Enquanto regiões mais dinâmicas conseguiam constituir sua indústria, atrair e formar suas empresas de transporte, de serviços públicos e bancos, outras regiões ficaram, ou porque não ainda ficam, a margem dessas transformações. Nesse sentido, o Sul de Minas tornou-se caso específico dentre o "mosaico" mineiro: uma região historicamente dinâmica, tanto por sua função de abastecimento da corte imperial, como em transformação por causa da expansão das lavouras de café na transição para o século XX, mas que não conseguiu se aproximar do ritmo e pujança econômica dos estados vizinhos do Rio de Janeiro e São Paulo.

No último quartel dos oitocentos o Sul de Minas vinha constituindo tanto suas ferrovias, como vendo a abertura de seus primeiros bancos. Entretanto, ao que parece, a região ainda mantinha sua economia subordinada às suas fronteiras: a comercialização do café se voltava para os comissários do Rio de Janeiro ou para as Casas Comerciais

[14] O termo "Outras" refere-se não somente as indústrias das três regiões omitidas, mas também as empresas cujos locais de origem não foram identificados.

paulistas. A imponente quilometragem da malha ferroviária mineira se contrapunha a dependência das ferrovias locais com as redes ferroviárias dos outros estados para escoar os produtos aos portos do Rio de Janeiro e Santos. Os bancos locais, por sua vez, supriam pequenas atividades, enquanto o grande capital ainda seria suprido ou por fontes governamentais ou por bancos de São Paulo e Rio de Janeiro. A indústria não fugia a essa imagem de subordinação: se em Minas Gerais ela se constituía lentamente, no Sul de Minas seu atraso era ainda maior. Pequenas e rudimentares manufaturas deviam concorrer com os produtos importados de outros estados ou do exterior. A empresa se realiza como um empreendimento familiar, arcaico, distante das características da moderna grande indústria.

No decorrer das primeiras décadas do século XX, o Sul de Minas se aproximava de uma dinâmica econômica e social capitalista: as ferrovias, os bancos, as indústrias e a própria crescente urbanização apoiavam a transformação da sociedade. A mudança do eixo econômico do Rio de Janeiro para São Paulo animou a chegada de relações capitalistas de produção e organização da economia na região. Contudo, o crescimento da economia paulista não foi suficiente para alavancar na mesma magnitude a economia sul mineira. O potencial econômico não se concretizou e não foi capaz de proporcionar uma rápida transformação econômico-social como ocorria no estado vizinho, de maneira que elementos da tradição, das relações pré-capitalistas de produção, da tranqüila vida interiorana mineira foram preservados. Seria interessante aprofundar a pesquisa na região para verificar porque esse potencial não se efetivou.

Fontes:

Extensão da Rede Ferroviária em Tráfego, segundo as Unidades da Federação. Endereço:http://www.ibge.gov.br/seculoxx/economia/atividade_economica/setoriais/transportes/ transportes.shtm

Lei nº 641, de 26 de julho de 1852: http://www1.dnit.gov.br/ferrovias/historico.asp, visitado em 3/11/2009 .

Relatórios dos Presidentes de Província de Minas Gerais, 1872-1911. Endereço: www.crl.edu/brazil

Referências bibliográficas:

ALBINO, Washington. Perspectivas Atuais da Economia Mineira. *II Seminário de Estudos Mineiros*. UFMG, Belo Horizonte, 1957.

BASTOS, Claúdio de Albuquerque. *Instituições financeiras de Minas 1819-1995*. Belo Horizonte: BDMG, 1997.

CASTRO, Antônio Barros. *Sete ensaios sobre a economia brasileira.* Rio de Janeiro: Forense, 1971.

COSENTINO, Daniel do Val. *Um Múltiplo de transições: a transição do trabalho escravo para o trabalho livre em Minas Gerais.* Dissertação de Mestrado – Unicamp - Campinas, 2006.

COSTA, Fernando Nogueira da. *Bancos em Minas Gerais (1889-1964)*. Dissertação de Mestrado – Unicamp - Campinas, 1978.

CUNHA, Alexandre Mendes & *et alli*. "História Econômica e Regionalização: Contribuição a um Desafio Teórico-Metodológico". *Estudos Econômicos*. São Paulo, V.38, N. 3, P. 493-524, Julho-Setembro, 2008.

CUNHA, Alexandre Mendes & GODOY, Marcelo Magalhães. "O espaço das Minas Gerais: processos de diferenciação econômico-espacial e regionalização nos séculos XVIII e XIX". *Congresso brasileiro de história econômica, 5 ; conferência internacional de história de empresas, 6*. Caxambu (MG). Anais ABPHE, 2003. (Disponível em CD-ROM).

DEVESCOVI, Regina. *Urbanização e acumulação. Um estudo sobre a cidade de São Carlos*. São Carlos: Ufscar, 1987

DINIZ, Clélio Campolina. *Estado e Capital Estrangeiro na Industrialização Mineira.* Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1981.

FONSECA, Pedro C. D. "A Transição Capitalista no Rio Grande do Sul: A Economia Gaúcha na República Velha". *Estudos Econômicos*. Instituto de Pesquisas Econômicas, 1984.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil.* Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

GODOY, Marcelo Magalhães. *Intrépidos viajantes e a construção do espaço: uma proposta de regionalização para as Minas Gerais do século XIX.* Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 1996.

HASENBALG, Carlos A. e BRIGAGÃO, Clóvis. *O setor financeiro no Brasil: aspectos históricos*. Rio de Janeiro: Dados, 1970.

IGLÉSIAS, Francisco. *Política econômica do governo provincial mineiro 1835-1889*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição. Santos: 1870-1913*. São Paulo: Hucitec, 1995.

LENHARO, Alcir Lenharo. *As tropas da Moderação - O abastecimento da Corte na formação política do Brasil — 1808-1842*. São Paulo: Edições Símbolo, 1979.

LIBBY, Douglas Cole. "Notas sobre a produção têxtil brasileira no final do século XVIII: novas evidências de Minas Gerais". *Estudos Econômicos*. São Paulo, v.27, n.1, 1997.

_____. *Transformação e trabalho em uma Economia escravista: Minas Gerais no século XIX.* São Paulo: Brasiliense, 1988.

LIMA, João Heraldo. *Café e indústria em Minas Gerais (1870-1920)*. Dissertação de Mestrado – Unicamp – Campinas, 1977.

MAIA, Andréa Casa Nova. *Encontros e Despedidas – Ferrovias e Ferroviários de Minas*. Tese de Doutorado – UFF – Niterói, 2002.

MARTINS, Roberto B. "Minas e o Tráfico de Escravos no Século XIX, Outra Vez". Szmrecsányi, Tamás & Lapa, José Roberto do Amaral (orgs.). *História Econômica da Independência e do Império.* São Paulo: Hucitec/ ABPHE/ Edusp/ Imprensa Oficial, 2002.

_____. *A economia escravista de Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 1980a.

_____. *Growing in Silence: The Slave Economy of Nineth-Century Minas Gerais, Brazil.* Tese de Doutorado: Varderbilt University, 1980.

MASCARENHAS, Nelson Lage. *Bernardo Mascarenhas. O surto industrial de Minas Gerais.* Rio de Janeiro: Ed. Aurora, 1954.

NATAL, Jorge Luiz Alves. *Transporte, ocupação do espaço e desenvolvimento capitalista no Brasil: história e perspectivas.* Tese de Doutorado – Unicamp – Campinas, 1991.

OLIVEIRA, Carlos Alonso Barbosa de. *O processo de industrialização: do capitalismo originário ao atrasado.* São Paulo: Editora Unesp, 2003.

PAIVA, Clotilde Andrade & GODOY, Marcelo Magalhães. "Território de Contrastes: Economia e Sociedade das Minas Gerais do século XIX". *História e educação, homenagem à Maria Yedda Leite Linhares*. Rio de Janeiro: Mauad e Faperj, 2001.

PAIVA, Clotilde Andrade. "População e Economia nas Minas Gerais do século XIX.", São Paulo: USP/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1996.

PASCAL, Isaías. "Economia e trabalho no Sul de Minas no século XIX". *Economia e Sociedade.* Campinas: Unicamp, 2007, v. 16, n.2, p. 259-287.

PAULA, Dilma Andrade de. *Fim de Linha: a extinção de ramais da Estrada de Ferro Leopoldina (1955-1974)*. Tese de Doutorado – UFF - Niterói, 2000.

PAULA, João Antonio de. *O mercado e o mercado interno no Brasil: conceito e história*, História Econômica & História de Empresas. V1, 2002, São Paulo: Hucitec/ABPHE, 2002a.

PAULA, Ricardo Zimbrão A de. Indústria em Minas Gerais: origem e desenvolvimento. *X Seminário sobre a Economia Mineira*. Diamantina, 2002.

PAZIANI, Rodrigo. *Construindo a 'Petit Paris': Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920).* Tese de doutorado – Unesp - Franca, 2004.

PEREIRA, Robson Mendonça. *O municipalismo em Washington Luís em sua atuação em Batatais (1893-1900): aspectos da modernização urbana no interior paulista na República Velha*. Dissertação de mestrado – Unesp - Franca, 1999.

PIRES, Anderson. *Café, finanças e bancos: uma análise do sistema financeiro da Zona da Mata de Minas Gerais: 1889/1930*. Tese de Doutorado – USP – São Paulo, 2004.

_____. *Capital agrário, investimentos e crise na cafeicultura de Juiz de Fora – 1870/1930*. Dissertação de Mestrado – UFF – Niterói, 1993.

PRADO JR., Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

SAES, Flávio Azevedo Marques de. *As Ferrovias de São Paulo 1870-1940*. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL-MEC, 1981.

SANTOS, Wélber Luiz. *A Estrada de Ferro Oeste de Minas: São João del Rei (1877-1898)*. Dissertação de Mestrado – UFOP – Mariana, 2009.

SILVA, Sérgio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

SLENES, Robert W. Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escrava de Minas Gerais no século XIX. *Estudos Econômicos*. São Paulo, v. 18, nº 3, 449-495, 1988.

VARGAS, Claudia Regina. *As várias faces da cidade: Bento de Abreu e a modernização de Araraquara (1908-1916)*. Dissertação de mestrado – Unesp – Franca, 2000.

WIRTH, John. Minas e a nação: um estudo de poder e dependência regional (1889-1937). *O Brasil republicano*. São Paulo: Difel, 1978.

_____. *O fiel da balança: Minas Gerais na federação brasileira (1889-1937)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.